

ARCADIO DÍAZ-QUIÑONES

A memória rota

Ensaio de cultura e política

Tradução e organização

Pedro Meira Monteiro



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do texto © 2016 by Arcadio Díaz-Quñones
Copyright da organização © 2016 by Pedro Meira Monteiro

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Victor Burton

Foto de capa

Hay un país en el mundo. Consuelo Gotay (1996), linóleo; 22,86 x 35,56 cm.

Caderno de fotos

acomte

Preparação

Cacilda Guerra

Revisão

Huendel Viana

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Díaz-Quñones, Arcadio

A memória rota : ensaios de cultura e política / Arcadio Díaz-Quñones ; tradução e organização Pedro Meira Monteiro. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2716-0

1. Ensaio literário. 2. Ensaio porto-riquenho. 3. Memória – Aspectos sociais – Porto Rico. 4. Porto Rico – Civilização. 5. Porto Rico – Política e governo – 1952-1998. I. Título.

16-02109

CDD-901

Índices para catálogo sistemático:

1. História e memória 901
2. Memória e história 901

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Nota para esta antologia — Arcadio Díaz-Quiñones, 9
Introdução — *A arte de furtar-se*, Pedro Meira Monteiro, 20
Este livro, 35

1. De como e quando *bregar*, 37
2. Hispanismo e guerra, 108
3. A guerra simbólica: 1898, 188
4. Espiritismo e transculturação: Fernando Ortiz
e Allan Kardec, 204
5. A memória rota, 226

“*As armas e as letras caminham juntas*”: *Cultura e imperialismo na América Latina e no Caribe. Entrevista com Arcadio Díaz-Quiñones, por Matheus Gato de Jesus e Fábio Nogueira de Oliveira*, 246

Notas, 277

Créditos das imagens, 321

1. De como e quando *bregar*

Toda palavra requer um distanciamento da realidade à qual se refere; toda palavra é, também, uma liberação de quem a diz.

María Zambrano, *Filosofía y poesía*

1.

Como e quando começaram a *bregar** os porto-riquenhos? O verbo *bregar* flutua, sábio e divertido, nos múltiplos cenários da vida porto-riquenha, de Cidra e Cabo Rojo, na ilha, até o outro extremo das comunidades experimentadas e calejadas na diáspora em Hartford e Newark, no continente americano. Mulheres e homens empregam sem cessar esse verbo, com liberdade e inteli-

* Sobre a palavra *bregar*, ver a Introdução. A palavra aparecerá em itálico; sempre que se apresentar como verbo fora do infinitivo, mantêm-se o itálico e a flexão. (Esta e as demais notas de rodapé são do tradutor.)

gência. Os porto-riquenhos estão sempre *en la brega* [na *brega*], vulneráveis e alertas. Ou, decepcionados, não acreditam naqueles que *não bregam ou não sabem bregar*. Sua maestria pode chegar a merecer grandes elogios, como o expressado por um interlocutor em Manhattan: “Eles *bregaron a nivel* [*bregaram* em alto nível]”. Essa dupla metáfora não poderia ser decifrada por muitos hispanofalantes, na Espanha ou no Peru, digamos, e não figura em nenhum dos dicionários que consultei. *Bregar* é, poder-se-ia dizer, outra ordem de saber, um método difuso e sem alarde para navegar a vida cotidiana, onde tudo é extremamente precário, cambiante ou violento, como foi durante o século xx para as emigrações porto-riquenhas e o é hoje, em todo o território da ilha.

Diante da saudação ritual e cortês “*Cómo estás* [como vai?]”, muitos porto-riquenhos respondem de forma lacônica ou brincalhona com uma frase aprendida que parece um mote a glosar: “*Aquí, en la brega* [Aqui, na *brega*]”. Não é uma forma de ser. É uma forma de estar e não estar, um tipo não preciso de luta, uma negociação entre a ausência e a presença. Há situações que se consideram pouco propícias ou impossíveis, e então o tom muda e se escuta a frase: “*Yo con eso no brego* [Eu com isso não *brego*, não me meto]”.

De onde vem essa familiaridade tão grande com a *brega*? Faz provavelmente uns vinte ou trinta anos que o verbo está incrustado na oralidade, nos valores e nas regras específicas da memória cultural. Condensa-se em frases breves e sem rodeios, como quando o falante responde à pergunta sobre o comportamento de alguém com a expressão: “*Si tú bregas bien, ella brega bien* [Se você *brega* bem, ela *brega* bem]”. Essa oração intransitiva, com sua figura circular e ritmo próprio, gera saborosos ditos que por sua vez lembram a poética orgulhosa e humilde dos santos das serigrafias do artista José Rosa. (As imagens dos santinhos que aparecem nas serigrafias de Rosa — a escala é sempre menor —

aparecem entrelaçadas com os ditos populares. Vai se apagando assim a fronteira entre o sagrado e o profano.)

Entre porto-riquenhos, falar de *bregar* é falar do mais óbvio. Talvez não haja palavra mais decisiva para reconhecer e reconhecer-se, e para destacar um valor distintivo da subjetividade coletiva, assim como os esplendores e as misérias que a mobilizam. Por que caminhos sinuosos esse verbo chegou a ser tão característico num momento histórico determinado? Como foi competindo de maneira sigilosa com a piedade e a autocompaixão do *¡Ay bendito!* [Ai, meu Deus!], outra expressão tão essencial para o porto-riquenho? Aberto a muitos contextos, *bregar* quer dizer atuar, trabalhar com habilidade e experiência, cumprir com as expectativas. Assim pode apreciar-se em frases como a seguinte, dita por um porto-riquenho que, enquanto o trem nos conduzia de Trenton a Nova York, contava sua experiência com os carros: “*Ahí los mecánicos bregan bien* [aí os mecânicos *bregam* bem]”, isto é, com esmero e eficácia. É uma forma específica de saber tratar de algo, de entender seus sutis mecanismos. Quem *brega bem* maneja algo com sabedoria, seja um mundo de coisas, um mundo de pessoas ou a linguagem mesma. *Bregar* com perfeição sem dúvida é uma arte.

Há ecos e ressonâncias desse sentido em um de seus usos mais particulares. Com frequência *bregar* se emprega para referir-se a uma ação dentro de uma margem muito reduzida. Exige, portanto, grande capacidade de manobra e uma delicada medida. Para um cidadão em apuros, basta, por exemplo, que um burocrata de aparência severa e estrita pronuncie o verbo em voz baixa, em meio a uma situação crítica (“*No se preocupe, espere un rato, que eso lo bregamos* [Não se preocupe, espere um instante, que isso nós *bregamos*, damos um jeito]”), para que se produza um efeito tranquilizador. Estendeu-se uma mão, contraiu-se um pacto. A expressão *bregamos*, nesse contexto, chega como um alí-

vio. Tem-se como certo que é anúncio de que há uma saída para a crise, de que se afasta o nuvarrão, a bruma ameaçadora que atemorizava o cidadão. Esse *bregamos*, pronunciado sem muita ênfase, funciona como um ponto de viragem no diálogo. Poder-se-ia dizer que *bregar* desempenha aí a função postulada por Kenneth Burke, em seu *Dictionary of Pivotal Terms* [Dicionário de palavras essenciais], para a “metáfora estratégica”: a ação iniciada pelo falante para mover aquele que escuta.

A estratégia do *bregar* consiste em pôr em relação o que até esse momento parecia distante ou antagônico. É uma posição a partir da qual se atua para dirimir sem violência os conflitos muito polarizados. Nesse sentido, conota abrir espaço numa cartografia incerta e enfrentar as decisões com uma visão do possível e desejável. Implica também — é crucial — o conhecimento e a aceitação dos limites. Haveria que destacar aqui essa “aceitação”. Com frequência é um “ato” que consiste em eleger o “menor dos males”, semelhante ao princípio pragmático postulado por William James, cujas manifestações linguísticas foram comentadas também por Kenneth Burke: *escolher o mal menor era também um ato*.^{*} Idealmente, *brega-se* até encontrar um modo de alcançar o difícil equilíbrio entre elementos potencialmente conflitivos. Há uma vocação de harmonia no *bregar*, de harmonizar necessidades e interesses. É a arte do não trágico, sem a fatalidade ou a brandura do *¡Ay bendito!*.

Bregar pode se relacionar com o sentido que Hannah Arendt

* Em inglês no original. No contexto de leitura e circulação deste ensaio, dado o marco político e linguístico complexo de Porto Rico como “Estado Livre Associado” dos Estados Unidos, o bilinguismo é natural e explica a existência de passagens em inglês não traduzidas para o espanhol. Na presente edição, as passagens em inglês aparecerão diretamente traduzidas para o português. Palavras isoladas, utilizadas nessa língua, serão mantidas em inglês, com tradução entre colchetes.

outorga ao *atuar* em *A condição humana*: “Tomar uma iniciativa, começar, pôr algo em movimento”. Esse *atuar* é distinto do “trabalho” que realizam os seres humanos para satisfazer suas necessidades. Para Arendt, a ação está ligada ao discurso e revela a condição humana: “Com palavra e ato nos inserimos no mundo humano, e essa inserção é como um segundo nascimento”. É o começo de alguém. No uso porto-riquenho, *bregar* remete a um código de leis implícitas que permite *atuar*, e com sutileza e discrição tais leis disputam o lugar com as posições absolutas. No geral, não se trata de grandes imperativos morais ou heroicos, nem de desafios em campo aberto, mas muito mais da possibilidade de negociar com o propósito de atenuar os conflitos, justamente para eludir a lógica da confrontação. É óbvio que o *bregar* conserva a marca do antigo e ortodoxo sentido de “lutar” e “lidar”, mas sem a conotação de ataque frontal. Trata-se de uma forma a um só tempo mais modesta e mais ambiciosa. Lembra o que dizia Charles Bally em seu clássico livro *Le Langage et la Vie* [A linguagem e a vida] ao interpretar situações de diálogo em uma batalha: “Não se calculam já os golpes que se vai dar, mas sim cuida-se dos que se pode receber”. Estamos, pois, na ordem do provável e do equívoco, e longe da transgressão. Como imagina a si mesma a comunidade que chegou, neste fim de século [xx], a converter o *bregar* e o *não bregar* num sinal de identidade? Algum dia haveria que se comparar esse verbo com os onipresentes *resolver* e *inventar* dos cubanos na ilha que se repete.*

Bregar é um código, uma lei não escrita que leva a buscar um acordo, a pactuar devidamente, sem perder a dignidade. Tem sua própria verdade. Quando alguém *brega bem*, encontra o caminho, ordena as regras do jogo, restabelece uma atmosfera de confiança, mitiga o caos, o *revolú* [a bulha, o tumulto] — essa outra grande metáfora porto-riquenha. Sobretudo, logra, com discernimento e

* Referência a *La isla que se repite*, de Antonio Benítez Rojo.

autocontrole, evitar a violência da ruptura radical. Nisso consiste grande parte de seu atrativo: supõe uma trama de relações em que predomine a vontade de cumprir o prometido, de introduzir um pouco de ar fresco, de humanizar os mecanismos do poder e preservar uma ordem evitando as confrontações. Suas estratégias permitem mover-se em direção ao objeto desejado com manobras muito localizadas e sagazes com as quais se atua em momentos críticos. “A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos é imensa”, escreve Bakhtin, “porque as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis.” Inclui, é claro, a diversidade do diálogo na vida cotidiana. No uso porto-riquenho, *bregar* expressa com frequência o desejo de operar no momento apropriado, de acordo com critérios que exigem às vezes uma boa dose de cumplicidade. Buscando uma definição, conversava eu há pouco em Filadélfia com um grupo de jovens antropólogos porto-riquenhos. Quase todos respondiam de maneira espontânea com outra metáfora gráfica e decisiva que projeta luz clara sobre um de seus usos. *Bregar* é “*meter mano* [meter as mãos, pôr-se à obra]”, enfrentar-se briosamente com um problema, participar, estar disponível no aqui e agora. Para seguir o fio dessa metáfora, haverá que se deter no sentido erótico que se abre com “*meter mano*”. Uma coisa é certa: *bregar* quase nunca é um exercício solitário. Supõe a presença real ou imaginária de outros, e a possibilidade de tomar a palavra, um combate verbal com uma sucessão de aproximações e distanciamentos. Exige o diálogo, a sedução da linguagem, o saber calar-se a tempo e, amiúde, deslizar até a ficção ou o engano. Nesse sentido, guarda algo parecido ao uso italiano de *brigare*, que significa *manipolare*, em sua acepção de “intriga”. Nesse caso possui, como no porto-riquenho, o significado de algo que se faz à borda mesmo do ilegal, e é sinônimo de “*trafficare*”: *agire con astuzia e insistenza non sempre oneste* [agir com insistência e astúcia nem sempre honesta].

Os caminhos do *bregar* são de aparente simplicidade, mas se tornam labirínticos tão logo se começa a percorrê-los passo a passo. *Bregar* admite tanto a razão como a paixão, os interesses e os desejos, o cálculo e o fluir das emoções, as lutas do corpo e da alma. Entre porto-riquenhos, tem um imprevisível sentido erótico, que se manifesta, por exemplo, na expressão cotidiana: “*Ellos están bregando hace tiempo* [eles estão juntos faz tempo, como casal]”. Não é estranho que seja o mais literário dos críticos porto-riquenhos, Rubén Ríos Ávila, quem tenha visto claramente, num ensaio em inglês incluído no livro *Polifonía salvaje*, que *bregar* pode se referir de maneira ambígua a trabalho ou a relações sexuais:

Nos últimos anos a palavra *bregar* emergiu como um termo valeduto que pode significar tanto resolver algo [*to work things through* (N. T.)] quanto fazer amor. Se alguma vez lhe for perguntado *¿tú bregas?* em Porto Rico, cuidado antes de responder. Dependendo de sua atitude e sobretudo do brilho de seus olhos, você pode ser levado para a cama ou para uma fábrica. A ilha parece estar sempre na *brega*, mas não é claro qual dos sentidos vale num momento determinado: trabalhar ou fazer amor, ou trabalhar enquanto se faz amor, ou fazer amor enquanto se trabalha.

O curioso é que aqui também o sinônimo seria “*meter mano*”. *Bregar* se refere também, pois, aos “trabalhos de amor (não) perdidos”. É a busca do prazer num combate no qual possivelmente não há vencedores ou vencidos. Cada sujeito conserva sua relativa autonomia.

Trabalhos de amor, cultura política, perfeição técnica e estratégias, sujeitos que atuam dentro de margens restringidas, obter os desejos que estão ao alcance da mão: a riqueza de sentidos é enorme, e talvez já estivesse nas origens da palavra. Quando me

dirigi ao velho dicionário *Vox*, encontrei várias entradas para o verbo *bregar*: lutar com riscos e dificuldades, trabalhar com afã. Mas também ali se encontra uma fascinante acepção que sugere possíveis conotações eróticas e políticas: *bregar* queria dizer “amassar a farinha ou o gesso de certa maneira”.

É difícil pensar na cultura porto-riquenha sem a capacidade para encontrar soluções a meias, para atuar de acordo com a “lógica do menos pior” e do compromisso que é, com frequência, o *bregar*. Alguns intelectuais, como foi o caso de René Marqués, correram a interpretar de forma pejorativa algumas das práticas expressadas pela palavra *brega*, como prova da “teoria” da “docilidade” do porto-riquenho. Convencido do caráter submisso de seus compatriotas, Marqués concluía seu conhecido ensaio “El puertorriqueño dócil”, de 1960, do seguinte modo:

Quão interessante e revelador seria um estudo psicolinguístico, que fosse metódico sem ser necessariamente exaustivo, da fala popular em Porto Rico à luz da teoria da docilidade: entonação, fonética, sintaxe, valores semânticos, uso do eufemismo e do circunlóquio, imagens mais comuns, refrões etc.

Essa interpretação fácil e depreciativa persiste ainda entre aqueles que se retraem com vergonha diante da falta de “hombridade” que descobrem nessas estratégias, e seguem exigindo uma história “heroica”.

A *brega* remete a uma linguagem e a práticas que precedem os indivíduos e sustentam a comunidade. Há antecedentes históricos e literários que permitiriam uma melhor compreensão de suas possibilidades e insuficiências. Por exemplo, o que era possível pensar, fazer e dizer para uma figura como Víctor Pellot no beisebol, para a mãe da escritora Judith Ortiz Cofer, como mi-

grante em Nova Jersey, ou para Luis Muñoz Marín?* Todos eles *bregaram* nos caminhos repletos de dificuldades da modernidade. Os dois primeiros tiveram que fazê-lo na intempérie, domesticando elementos brutais da existência em meio ao maior desamparo. Muñoz Marín, por sua vez, apoiando-se em velhas tradições orais camponesas, *bregou* no campo da política colonial, um teatro sem destino trágico. *Bregar* talvez seja o agente secreto, ou o agente duplo, da cultura política porto-riquenha.

2.

“*Aquí, en la brega.*” Entre porto-riquenhos, essa frase anuncia uma posição da qual se fala e atua, ou se finge que atua. Expressa estados de ânimo; pode ser sóbria ou irônica, firme ou titubeante. Ou pode ser dita ritualmente: uma frase vazia que explica tudo e não explica nada. Mas o sujeito está sempre ali, com suas paixões e interesses, “atuando”, mantendo as aparências. No diálogo cara a cara, a frase feita “*Aquí, bregando*” é uma das múltiplas estratégias teatrais que se dão na vida cotidiana. Essa teatralidade aprendida se funda nas fórmulas da fala, na possibilidade de se proteger atrás das máscaras e no jogo de papéis da vida cotidiana tão habilmente estudados por Erving Goffman. A *brega* nem sempre é um ato. É também algo distante e que distancia: o pensamento e a consciência mesma do *bregar*.

* Luis Muñoz Marín foi o fundador do Partido Popular Democrático, em 1938, e governador de Porto Rico por mais de quinze anos, a partir de 1949. Foi também o artífice de um surto de “modernização” e de uma política conciliatória entre o poder norte-americano e os anseios locais mais moderados. Durante o seu governo estabeleceu-se definitivamente o modelo do “Estado Livre Associado”, que desde 1952 marca a complexa situação política de Porto Rico como nação e em sua relação colonial com os Estados Unidos.

Os giros e os tons da *brega* pertencem à língua falada e à sua escorregadia história, tão marcada, no caso porto-riquenho, pela larga experiência colonial, as heterogeneidades internas e as migrações em massa. São parte central de uma tradição. Tradição no sentido que lhe dá o escritor Ricardo Piglia: “resíduo de um passado cristalizado que se filtra no presente”, restos perdidos que reaparecem onde menos se espera. Por isso as imagens de *bregar* produzem a sensação de estar, ao mesmo tempo, diante de algo novo e antigo.

Quando se começou a *bregar* tão intensamente? Uma possível resposta seria que a *brega* remete a velhas práticas de ocultamento pertencentes a épocas remotas da sociedade clandestina,* a um mundo rural que se desenvolveu nas margens do Estado colonial, uma sociedade de grandes penúrias e bruscos deslocamentos, ambos regidos por contrabandistas e piratas. A criatividade dessa sociedade furtiva foi diligentemente estudada por Ángel Quintero Rivera em dois excelentes livros: *Virgenes, magos y escapularios* e *¡Salsa, sabor y control!*. Homens e mulheres, segundo Quintero Rivera, fugiam dos centros de poder para as margens do império — as ilhas do Caribe —, criando zonas de refúgio e um mundo de aparências e simulações que os protegia. Era uma sociedade formada por europeus, escravos fugidos e desertores espanhóis, um mundo semiclandestino, produto da arte da fuga, muito misturado em termos étnicos e culturais, e relativamente isolado. Trata-se de comunidades calejadas no trabalho manual e em formas subterrâneas de luta contra poderes internos e externos, que Quintero Rivera também chama “o mundo da contraplantação”. São fugitivos internos, parte de uma diáspora que se dá no arquipélago do

* “*Cimarrona*”, no original. Sobre *cimarrón*, diz-se do marinheiro indolente, do animal selvagem ou que regressou ao mato, mas também dos quilombolas, isto é, daqueles que se refugiam em comunidades ocultas nos montes, sugerindo, portanto, em amplo aspecto, um ponto de fuga.

Caribe. Não se integram com facilidade à sociedade “nacional”. Nesse contexto, longe do olhar vigilante do Estado, algumas formas da fala se tornam enigmáticas para quem as observa de fora. A língua absorve a história, dizia o poeta Joseph Brodsky. Mas a reconstrução da fala de outras épocas é quase impossível. Será demasiado arriscado historiar uma zona tão movediça?

Para não nos perdermos nos saberes secretos do *bregar*, e para circunscrever um campo de reflexão aos usos do presente, poderíamos pensar em três dimensões decisivas. Imaginemos uma espécie de tríptico no qual cada um dos três lados ilumine o outro: a *brega* como trabalho concreto do *homo faber*; como princípio do prazer erótico; e como negociação — ação — espiritual ou social. O tríptico tem a vantagem de nos permitir organizar similitudes e variantes das distintas esferas da atividade humana e ao mesmo tempo reter as relações do sistema.

Tentarei descrever o primeiro dos lados. Aí teríamos o repertório de “luta” e “trabalho” intenso registrado por vários dicionários: fadiga, combate, peleja, azáfama. Esse primeiro lado chega a ter muitas das outras valorações. Seu uso remete ao trabalho humano, sobretudo ao trabalho manual. Tanto em castelhano quanto em catalão tem o sentido geral de lutar para conseguir algo. Esta seria como que a matéria-prima de todos os demais usos, e está presente em maior ou menor medida em todas as utilizações do verbo.

Num sentido mais intenso, *bregar* designa o que é “manejável” com a destreza das mãos reais ou metafóricas. É algo que exige envolvimento completo no que se faz, e rigor na sua execução: o ser humano como *homo faber*. Às vezes se trata de uma grande destreza posta em prática em espaços de risco. Confirma-se no *Tesoro* de Sebastián de Covarrubias: “*Bregar* o arco é o mesmo que estirá-lo”. No *Diccionario de autoridades* figura a seguinte acepção: “lance arriscado, perigo, batalha e contenda difícil e pe-

rigosa”.* Um *Vocabulario de ocupaciones* publicado em Madri em 1963, por exemplo, nos informa que na corrida de touros o “*peón de brega*” é aquele que assiste o matador, o “toureiro subalterno que [o] ajuda nos distintos períodos da luta”. Numa crônica hípica de 1981, o jornalista porto-riquenho Tomás C. Muñiz narra a história de Miguel Andino Clemente Cruz, que “trabalhou para diversos estábulos, *bregando* com figuras legendárias do *track boricua*”.** Esse primeiro *bregar* é um saber fazer que denota habilidades e destrezas no trabalho. Está entre a arte e a técnica.

No outro lado do tríptico teríamos um segundo significado, de ressonâncias eróticas, que parece ser especificamente porto-riquenho. Tem um significado corporal que confirma a consciência constante do sujeito como ser sexual. Sem dúvida, a intensidade do uso desse *bregar* caracteriza a fala porto-riquenha: os casais *bregam*. A consulta a alguns dicionários especializados dá algumas pistas para esse uso metafórico. Ele se faz mais claro com os antecedentes artesanais que víamos no dicionário *Vox*, confirmados pelo *Diccionario crítico-etimológico* de Corominas, no qual se registra um dos sentidos de *bregar*: “amassar ou sovar (pão)”. Ou seja, dar forma a uma matéria branda e maleável, trabalhá-la com habilidade artesanal: uma ação que convoca o olhar e o tato. Há uma forma tátil de conhecimento. De todas as definições, talvez a que mais ressoa com ecos remotos da ideia e da prática erótica seja a que oferece Rufino José Cuervo em seu *Diccionario de construcción y régimen de la lengua castellana*: “amassar o pão sobre um tabuleiro ou mesa com um pau redondo que nela está untado, diante do qual está sentado o padeiro, girando-o”. No *Diccionari* de Alcover-Moll do catalão, valenciano e balear, *bregar* se oferece como sinônimo de

* Dicionários da língua espanhola dos séculos XVII e XVIII, respectivamente.

** *Boricua*: expressão de origem indígena que genericamente significa “porto-riquenho”. O *track boricua*, neste caso, é o elenco dos cavalos de corrida.

“esfregar” e “polir”. Parece usar-se em todo o âmbito catalão, o que pode ser significativo, por causa da forte e indubitável presença catalã e maiorquina em Porto Rico no século XIX. Por outro lado, Corominas documenta um interessantíssimo derivado em asturiano, *bregadera*, que se refere a “um aparelho com dois cilindros, que por meio de manivela dupla movem duas pessoas, para *bregar* o pão”. Em catalão, e segundo os dados que dá o *Diccionari* de Alcover-Moll, usou-se *bregadora*: um instrumento mecânico para amassar o cânhamo ou o linho e separar a fibra têxtil do talo.

Tudo isso poderia lançar luz sobre como se foi configurando o intenso *bregar* sexual que sabem conjugar os porto-riquenhos, em que pese o pudor dos dicionários. Haveria nesse *bregar* sexual um imaginário do corpo prefigurado como máquina que implica uma mútua aprendizagem do casal? Ou se trata de um simbólico combate corpo a corpo? Por aí se insinua já a conexão com *meter mano* [meter a mão], que se modula em muitos matizes. Com as mãos se pode acariciar, esfregar, explorar. Não se pode esquecer tampouco que, no teatro espanhol do Século de Ouro, *meter mano* tinha o sentido de “sacar a espada”.

A tradição literária oferece numerosos exemplos do encontro arquetípico de Marte e Vênus, no qual a linguagem épica da guerra se erotiza, transformando-se em expressão metafórica da atividade sexual. Aparece em uma das engenhosas *coplas* de Jorge Manrique, na qual se oferece uma definição de Amor. São *coplas* características dos cancioneiros castelhanos do século XV, em que a repetição e o jogo conceptista de “força” e “porfia” define a guerra e o forcejar do amor:

*Es amor fuerça tan fuerte
que fuerça toda razón;
una fuerça de tal suerte
que todo seso convierte*

En su fuerça y afición;
una porfía forçosa
que no se puede vencer,
cuya fuerça porfiosa
hazemos más poderosa
queriéndonos defender.*

Essa larga tradição se renova num clássico moderno como *Cem anos de solidão*, em cujas páginas finais aparece a *brega* sexual justamente como contenda bélica. A palavra condensa uma arte de amar em que as agressões de Aureliano e Amaranta Úrsula se convertem em carícias:

No fragor do encarniçado e cerimonioso forcejo, Amaranta Úrsula compreendeu que a meticulosidade do seu silêncio era tão irracional que teria podido despertar as suspeitas do marido próximo, muito mais que os estrépitos de guerra que tratavam de evitar. Então começou a rir com os lábios apertados, sem renunciar à luta, mas se defendendo com mordidinhas falsas e soltando pouco a pouco o corpo comadresco, até que ambos tiveram consciência de serem ao mesmo tempo adversários e cúmplices, e a *brega* descambou para uma travessura convencional e as agressões se converteram em carícias.**

Mas devemos ir mais além e considerar algo não inteiramente separável de todo o anterior, e que se poderia colocar no centro

* “É amor força tão forte/ que força toda razão;/ uma força de tal sorte/ que todo siso converte/ em sua força e afeição;/ uma porfia forçosa/ que não se pode vencer,/ cuja força porfiosa/ fazemos mais poderosa/ querendo-nos defender.”

** Tradução de Pedro Meira Monteiro. Na tradução de Eliane Zagury, *brega* se traduz por “briga”, simplesmente. Cf. Gabriel García Márquez. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 376.

do tríptico. Trata-se de uma dimensão pragmática que distingue o uso porto-riquenho, e que tem implicações políticas positivas e negativas que mereceriam mais reflexão. Esse terceiro e frequentíssimo *bregar* é o que mais me interessa: toca o mais íntimo, a existência individual; e também o mais político, a vida em comunidade. Parte-se de uma razão de cálculo que permite jogar sem saber de antemão como terminará o jogo. Em outros casos remete a um saber estratégico que provê recursos para mediar, com o fim de suavizar antagonismos, e até de interrompê-los. É uma linha de conduta muito prática que torna possível sobreviver com certa dignidade, ainda que se simule de forma teatral ter se resolvido algo. Tem a precisão da imprecisão, e é notável a amplitude de imagens secretadas por essa ambivalência. Ter-se-á desenvolvido essa *brega* com mais lentidão?

Ilustremos esse complexo terceiro registro com a frase “*Ella está bregando*” [ela está *bregando*]. Mais que campo de batalhas épicas, é outro tipo de “trabalho” árduo, ou uma contenda que se dá no interior da pessoa: uma lenta terapia espiritual para recolocar-se, aprendendo a se levantar depois das quedas. As feridas podem tardar a cicatrizar-se. Numa reportagem publicada num jornal de San Juan, uma mulher que tinha se reabilitado de sua dependência de drogas se refere à intensa conversa que mantinha consigo mesma, e afirma: “O mais difícil do processo foi *bregar* com minha pessoa, organizar minha vida”. Também pode se referir às dúvidas e vacilações do estado anterior à tomada de decisões. Uma porto-riquenha na paróquia La Asunción de Perth Amboy em Nova Jersey me explicava com paciência que a expressão *Ella está bregando* significa encontrar soluções apropriadas, estender uma ponte sem fazer demasiado ruído. Trata-se de buscar um ponto médio, evitando prudentemente a violência. Ofereceu uma boa tradução para o inglês. *She is handling it well*, disse,

o que mantém a imagem da mão para expressar um problema existencial e acima de tudo subjetivo.

Essa *brega* remete a lutas privadas e íntimas, ou públicas. Numa entrevista realizada por Amílcar Tirado Avilés e Blanca Vázquez, publicada na revista do Centro de Estudios Puertorriqueños do Hunter College* em 1991, Malín Falú fala do racismo porto-riquenho e do racismo nos Estados Unidos, concretamente o mundo da mídia, das “modelos” e dos concursos de beleza nos anos 1970. Ao decidir intervir nesse mundo, explica: “Mas como eu estava nisso de lutar por *bregar* com todo esse conceito, disse ‘Pois então, vou participar’ [...] a questão é que seguimos *bregando* com isso”. Às vezes as decisões tomadas trazem resultados contrários ao desejado, que o sujeito lamenta. É o que se observa num testemunho em que podemos “ouvir” a voz do Sonero Mayor, o porto-riquenho Ismael Rivera.** Numa entrevista dada a Ramón Luis Brenes poucos dias antes de sua morte, Rivera conta como a súbita fama o levou a *bregar* com as drogas, a *meter mano*, com a previsível dependência. A consequência foi a humilhação da prisão durante quase quatro anos. Na entrevista, reproduzida na mesma revista do Centro de Estudios Puertorriqueños do Hunter College em 1991, ele mesmo, respondendo a uma pergunta, fala sobre as dificuldades da fama, e da dependência:

* O Hunter College é uma das unidades da Universidade da Cidade de Nova York, em Manhattan, que tem um importante papel de promoção da educação superior entre classes menos favorecidas, atendendo a uma população especialmente diversa do ponto de vista étnico e social. O seu Centro de Estudios Puertorriqueños foi fundado em 1973.

** Ismael Rivera (1931-87), carinhosamente conhecido por “Maelo”, foi um dos mais importantes ícones da salsa porto-riquenha, tendo integrado grupos legendários como o Combo de Rafael Cortijo. Natural de Santurce, bairro de San Juan, a sua música se confundiu com as agendas políticas mais progressistas a partir dos anos 1970.

Bom, talvez tenha sido o sucesso, porque o nosso sucesso foi imediato. Somos gente humilde e a verdade é que ninguém podia *bregar* com uma mudança tão drástica, uma mudança tão forte. Então, sem se dar conta, a gente começa a *bregar* com a situação da melhor forma que a gente imagina; pois... e *metí mano* [meti a mão], buscando *bregar* com a situação.

Sem pretender esgotar a riqueza de significados, vai até aqui o nosso tríptico.